



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA
PARFOR – PEDAGOGIA 08**

LEIDA MARIA DA SILVA SANTOS

DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA:
Desafios e Possibilidades na Comunidade São Pedro - Santa Maria do Pará

Castanhal - Pará
2018

LEIDA MARIA DA SILVA SANTOS

DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA:
Desafios e Possibilidades na Comunidade São Pedro - Santa Maria do Pará

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à universidade Federal do Pará, como requisito final para a obtenção do Grau de Licenciado Pleno em Pedagogia, sob a orientação da Profª. Ms. Lívia Cristina Fonseca de Araújo.

Castanhal - Pará
2018

LEIDA MARIA DA SILVA SANTOS

DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA:
Desafios e Possibilidades na Comunidade São Pedro - Santa Maria do Pará

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à universidade Federal do Pará, como requisito final para a obtenção do Grau de Licenciado Pleno em Pedagogia, sob a orientação da Prof.^a Ms. Lívia Cristina Fonseca de Araújo.

Banca Examinadora:

Prof.^a. Orientadora: Prof.^a Ms. Lívia Cristina Fonseca de Araújo.

Prof.^o. 1º Membro da Banca: Prof

Prof.^o. 2º Membro da Banca: Prof

Castanhal - Pará
2018

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos nossos familiares e amigos por sua paciência, bem como seus carinhos e dedicação que nos auxiliaram no decorrer de toda a caminhada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter dado força, saúde e coragem para chegarmos a conclusão do presente curso.

Aos nossos pais pela vida e educação que recebemos.

Aos nossos filhos, netos, irmãos, cunhados, sobrinhos, parentes e amigos pelo carinho e amizade que nos dedicaram e nos apoiaram nesse árduo trabalho.

A professora Marcenilde, pelo seu apoio e ajuda, os quais muito colaboram para a realização deste trabalho.

Aos nossos irmãos do curso e colegas de trabalho pelo incentivo, carinho, compreensão e convívio durante a academia sempre compartilhando conhecimentos e construindo amizades.

A professora orientadora Lívia, pelo direcionamento dado, assim como aos demais professores e funcionários da UFPA que muito contribuiu para a construção do nosso conhecimento.

A todas as pessoas do município de Santa Maria do Pará que colaboraram direta e indiretamente para a realização deste trabalho.

RESUMO

O trabalho tem como tema “Dificuldade de Aprendizagem da Leitura e Escrita: desafios e possibilidades na comunidade São Pedro-Santa Maria do Pará”. Justifica-se, pois a temática é uma reflexão de minha inquietação diante de uma realidade educacional dos alunos da Escola MEIF. Antônio Henrique de Oliveira. Destaca-se que a problemática surgiu da necessidade de entender melhor, que na construção do desenvolvimento intelectual de cada aluno, há fatores que interferem no processo de aprendizagem, ocasionando problemas ou dificuldades de aprendizagem sérias à sua vida escolar. Têm-se como objetivo geral: Analisar os fatores principais que dificultam a leitura e a escrita dos alunos do segundo ano na turma multisserie do Ensino Fundamental da Escola M. E. I. F. Antônio Henrique de Oliveira, na comunidade Travessa São Pedro, Santa Maria do Pará. E como objetivos específicos: Identificar quais as principais dificuldades de leitura e escrita são apresentadas pelos alunos do segundo ano do Ensino Fundamental. Constatar que fatores que contribuem para a manutenção das principais dificuldades de leitura e escrita são apresentadas pelos alunos do segundo ano do Ensino Fundamental. Perceber as práticas pedagógicas da professora pode colaborar para a aprendizagem da leitura e escrita. São autores: Antunes (2003), Fernandes (2006), Ferreiro (2004), Kleiman (2005), Lajolo (1999), Oliveira (1996), Silveira (1997), Soares (2005/2004/2009/2010), Teberosky (2008), Vigotski (2007), e outros. Conclui-se que, foi possível identificar que as principais dificuldades de leitura e escrita são apresentadas pelos alunos do segundo ano do EF na escola em questão, são as de manter a concentração e atenção no contexto da turma multisserie onde as faixas de idade são grandes, tanto quanto os conteúdos a serem trabalhados, o que ocasiona desestímulo e desmotivação.

PALAVRAS-CHAVES: Dificuldade, Aprendizagem, Leitura, Escrita, Desafios, Possibilidades.

ABSTRACT

The paper has the theme “Difficulty of Learning Reading and Writing: challenges and possibilities in the community of São Pedro-Santa Maria do Pará”. It is justified, therefore, the theme is a reflection of my uneasiness before an educational reality of the students of MEIF School. Antônio Henrique de Oliveira. It is worth noting that the problem arose from the need to understand better, that in the construction of the intellectual development of each student, there are factors that interfere in the learning process, causing serious problems or learning difficulties to their school life. The main objective is to analyze the main factors that make reading and writing difficult for second year students in the Multisserie group of the Elementary School of the MEIF School Antônio Henrique de Oliveira, in the Travessa São Pedro community, Santa Maria do Pará. Specific objectives: Identify the main difficulties of reading and writing are presented by the students of the second year of Elementary School. Note that factors that contribute to the maintenance of the main difficulties of reading and writing are presented by the students of the second year of Elementary School. Perceiving the teacher's pedagogical practices can contribute to the learning of reading and writing. They are authors: Antunes (2003), Fernandes (2006), Ferreira (2004), Kleiman (2005), Lajolo (1999), Oliveira (1996), Silveira (1997), Soares (2005/2004/2009/2010), Teberosky (2008), Vigotski (2007), and others. It is concluded that it was possible to identify that the main difficulties of reading and writing are presented by the students of the second year of EF in the school in question are to maintain concentration and attention in the context of the multisserie group where the age brackets are large, as well as the contents to be worked, which causes discouragement and demotivation.

KEY WORDS: Difficulty, Learning, Reading, Writing, Challenges, Possibilities.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 CAMINHOS DA PESQUISA	11
1.1. O LÓCUS	11
1.1.1. O MUNICÍPIO	11
1.1.2. A COMUNIDADE	12
1.1.3. A ESCOLA.....	13
1.2. PERCURSO METODOLÓGICO	14
2. REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1. LEITURA E ESCRITA: PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	18
2.2. PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL	24
2.3. PAPEL DO PROFESSOR.....	26
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	30
3.1. OBSERVAÇÃO DAS CRIANÇAS	30
3.2. RODA DE CONVERSA E ENTREVISTAS.....	30
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	39
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Neste estudo evidencia-se uma temática que norteia reflexões sobre a educação nos tempos atuais: Dificuldade de Aprendizagem da Leitura e Escrita: desafios e possibilidades em comunidade São Pedro - Santa Maria do Pará, pois se entende que a leitura e a escrita constituem conhecimentos dos mais importantes ao ser humano, uma vez que é instrumento para a aprendizagem dos mais variados campos da ciência, além disso, é direito de todo ser humano, quer seja para dar continuidade aos seus estudos, para articular conteúdos culturais, para melhor se expressar, se divertir entre outras funções e participar de demais eventos sociais, possibilitando e ampliando o exercício da cidadania.

Nesse contexto é que fui levada e motivada a escolher esse tema pela necessidade como professora de lecionar em turmas multisseriadas, pois tenho muita dificuldade em desenvolver a aprendizagem de leitura e escrita das crianças porque alfabetizo como tinha sido ensinada. Ensinava as letras, depois as sílabas e as palavras, e depois as frases a meus alunos, assim como foi meu ensino, liam e escreviam mais tinham dificuldade de entender o texto.

Diante disso como profissional da educação, terminei o ensino médio (magistério) no ano de 2000, participava das formações, mas pouco me ajudava porque a turma era multisserie (6 a 15 anos), e quando eu passava uma atividade para uns, os outros já estavam brigando, outros queriam brincar, era muito difícil, mas como profissional tinha que no final do ano apresentar um bom resultado dos alunos. Como estratégia para garantir a aprendizagem e ocupação dos alunos de todas as séries da turma, então eu pedia que eles levassem o livro para casa, e no outro dia cada um fazia a leitura, o ditado. Pedia também, aos pais para comprar dois cadernos, um o aluno levava com a atividade para casa, e o outro eu levava para produzir atividade para os mesmos em minha casa.

Em face disso, pode-se dizer que o professor que trabalha na multisserie na educação no campo, precisa de um maior apoio porque são muitas séries em uma mesma turma e o trabalho é complexo. Mesmo, diante de tantos desafios, a Prefeitura não dá suporte para o professor, não temos visitas de coordenadores, nem cursos e orientações para desenvolver nossas aulas, por isso as dificuldades são, tanto para o professor quanto para o aluno.

Quando o Governo Federal se preocupou com a Alfabetização e criou o Pacto Pela Alfabetização, que era obrigatória a criança do 3º ano do Ensino Fundamental saber ler e escrever. Esse Programa foi fundamental para o desenvolvimento da criança porque pude

também aprendeu a melhor maneira de alfabetizar, sabendo que todo aluno tem o seu tempo de aprender, e isso é importante respeitar.

Como professora tinha um grande sonho de fazer o curso de Pedagogia, mas não tinha recursos financeiros, foi quando o Governo Federal criou o Programa PARFOR (Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, me inscrevi cinco vezes para ser selecionada para cursar Pedagogia. Passei 4 (quatro) anos por uma luta muito grande, hoje como acadêmica me sinto com o sonho realizado, posso dizer que não aprendi tudo, mas o suficiente para ajudar meus alunos, para a continuidade de meu trabalho e pretendo continuar estudando para adquirir mais conhecimentos, transformar minha práxis pedagógica.

Partindo das minhas próprias dificuldades como aluna, como docente e como acadêmica, destaco então, a problemática desta pesquisa surgiu da necessidade de entender melhor, que na construção do desenvolvimento intelectual de cada aluno, há fatores que interferem no processo de aprendizagem, ocasionando problemas ou dificuldades de aprendizagem sérias à sua vida escolar, ou melhor, que se apresentam para os alunos do Ensino Fundamental, em relação à aprendizagem da leitura e escrita, pois se sabe que tais dificuldades se dão por diferentes fatores como o tão questionado ensino tradicional, inadequado ainda adotado, metodologias retrógradas, teoria e prática descontextualizada da realidade vivenciada pelo aluno, complexidade e dicotomia na prática do ensinar a leitura e escrita, inexistência de uma prática diferenciada que se identifique com uma concepção de linguagem oral, articulada, interativa e participativa. Falta de motivação, dinamismo afetado por fatores sócios econômicos e culturais, biológicos e psicológicos, que são a falta de atenção, percepção, concentração, memória, e outros requisitos básicos para a elaboração do conhecimento escolar dos alunos.

Diante deste quadro, questiono quais são os fatores principais que dificultam a leitura e a escrita dos alunos do segundo ano na turma multisserie da Escola M. E. I. F. Antônio Henrique de Oliveira, na comunidade Travessa São Pedro, Santa Maria do Pará?

Para ajudar a responder a essa inquietação têm-se como questões norteadoras:

Quais as principais dificuldades que os alunos do Ensino Fundamental encontram ao se defrontar com o processo de leitura e escrita?

Que fatores que contribuem para a manutenção dessas dificuldades?

Como as práticas pedagógicas da professora podem colaborar para a aprendizagem da leitura e escrita?

Diante disso, como objetivo geral esta pesquisa pretende-se:

Analisar os fatores principais que dificultam a leitura e a escrita dos alunos do segundo ano na turma multisserie do Ensino Fundamental da Escola M. E. I. F. Antônio Henrique de Oliveira, na comunidade Travessa São Pedro, Santa Maria do Pará.

E como objetivos específicos:

- Identificar quais as principais dificuldades de leitura e escrita são apresentadas pelos alunos do segundo ano do Ensino Fundamental.
- Constatar que fatores que contribuem para a manutenção das principais dificuldades de leitura e escrita que são apresentadas pelos alunos do segundo ano do Ensino Fundamental dessas dificuldades.
- Perceber as práticas pedagógicas da professora que podem colaborar para a aprendizagem da leitura e escrita.

Frente às motivações, à problemática e aos objetivos de pesquisa expostos considera-se um trabalho relevante e significativo, pois aborda o assunto que é muito instigante visto ser o norteador da aprendizagem, saber ler e escrever para adquirir outros saberes.

1. CAMINHO DA PESQUISA

Para apresentar os caminhos percorridos nessa pesquisa opta-se por fazê-lo iniciando pelo *locus* para então adentrarmos os percursos metodológicos.

1.1. O *LÓCUS*

1.1.1. O Município

O Município de Santa Maria do Pará, localiza-se no nordeste do estado, tem como principal destaque hidrográfico o rio Maracanã, o qual serve de limite natural com o município de Igarapé Açú, ao norte e Castanhal a Oeste. Outro rio importante é o Taciateua, afluente direto do Maracanã, que serve de limite natural com o município de Nova Timboteua a nordeste, e a leste com o município de Bonito. O rio Taciateua, por sua vez, recebe os igarapés Miritueira, Bom Intento, Rubi e Jundiateua. Por fim, há o rio Jeju, afluente da margem direita do rio Maracanã que passa a leste da sede municipal.

O clima do município está enquadrado na categoria equatorial megatérmico úmido, com temperaturas elevadas em torno de 20° C. Possui pequena amplitude termica, abundante precipitação, umidade entre 80% e 90%, com estação chuvosa entre os meses de dezembro a maio, ficando para o período de junho a novembro o de menor precipitação.

Passando alguns anos, o crescimento fez com que a vila passasse logo a cidade. Nos anos de 1950 passou a município. Não tendo condição para tanto, foi rebaixado novamente a categoria de vila. Mais tarde em 29 de dezembro de 1961, o governador Aurélio do Carmo assinou a lei de número 2460 (anexo 12), através da qual eleva definitivamente Santa Maria a categoria de município.

No primeiro semestre de 1962 foi formada a camara e nomeado o primeiro prefeito do município, o senhor José Henrique de Araujo, que governou nove meses enquanto se realizavam as eleições. Na sequência, eis o nome dos cinco primeiros prefeitos eleitos com a duração de seus mandatos: Pedro Barros da Silva (4 anos), Severino Benedito de Souza (4 anos), Zacarias Garcia dos Santos (2 anos), João Gabriel da Silva (4 anos) e Raimundo Maciel Braga, que teve problemas administrativos em seu mandato e foi substituído pelo interventor estadual o Eng^o Luis Messias, por pouco tempo. A esse respeito, Alencar (1992, p. 32) pontua:

Depois de tudo normalizado, assumiu o então vice-prefeito, o senhor José Nonato da Silva que completou o mandato. Ao completar-se esse turbulento mandato que ao todo durou 6 anos, foi eleito o prefeito, o senhor Antonio Nogueira de Souza que esteve a frente do executivo municipal de 15 de março de 1963 o primeiro de janeiro de 1989 (6 anos), quando assumiu o poder o prefeito o senhor Arlindo Alves da Costa (4 anos), depois o senhor Antonio Nogueira de Souza foi eleito novamente que administrou o município por mais 4 anos, foi o seu terceiro mandato como prefeito. No ano de 2006 foi eleita a Dr^a Marifrança do Socorro de Souza oliveira, que tomou posse em primeiro de janeiro de 2007 (4 anos), depois a Dr^a Marifrança do Socorro de Souza oliveira, foi eleita novamente, hoje atual prefeita do município, onde irá administrar o município até o ano de 2012. Depois o prefeito eleito pelo povo, Lucivandro Melo governou de 2003 a 2004, onde teve o mandato cassado e assumiu o cargo de prefeito o presidente da camara, Alcir Costa, que governou mais dois anos. A atual prefeita Diana Melo que irá administrar de 2016 a 2020.

Permanece hoje na cultura santamariense o Carnaval de rua, que fora resgatado no ano de 1997, no mandatao do senhor prefeito Paulo Roberto Alexandre da Silva, que atuou no periodo de 4 anos e os demais prefeitos deram continuidade a essa manifestação cultural com duração de quatro dias consecutivos. Dessa forma, aspectos muito importantes da cultura popular vem sendo perdidos por cousa dos avanços tecnológicos que foram surgindo no decorrer do tempo.

Contudo, no ano de 2004 a prefeita eleita, Dr^a Marifrança do Socorro de Souza Oliveira, deu início a um festival Junino que acontece no período de 27 a 30 do mês de junho, o mesmo é chamado Festa do Mingau. Asssim, dá-se oportunidade ao povo santamariense e as demais localidades vizinhas de participarem do Festival de Danças Juninas no qual há a distribuição de mingau para população que se faz presente no evento, contando também com vendas de comidas típicas.

1.1.2. A Comunidade

A comunidade é denominada de Travessa São Pedro, localiza-se a 18 km do município de Santa Maria do Pará, Vila Três Bocas. A comunidade Nossa Senhora da Conceição foi fundada em 1980 pelo senhor Raimundo Gomes que chegou com sua familia para morar nessa travessa denominada São Pedro.

Era uma família muito católica, antes moravam em Castanhal, ao chegar na comunidade ele reuniu as famílias para fazer as orações na sua casa, e lá faziam terços, novenas, missa, coroação, era um momento muito animado, depois de algum tempo, construíram uma igreja de madeira, onde as famílias se reuniam para fazer suas orações.

Vinham famílias de outras localidades participar das orações e festividade porque era a

igreja mais próxima.

Os fundadores dessa comunidade foram Raimundo Gomes, Manoel dos Santos, Edizio Capanema, Raimunda Toró, José Marçal, José Carrinho e suas famílias que juntos escolheram Nossa Senhora da Conceição como padroeira da Comunidade, e que comemora-se no dia 08 de dezembro. A principal ação cultural da comunidade está em torno dessa festividade.

A 5 Km da vila conseguiram fazer um barracão na comunidade onde as crianças passaram a estudar mais próximo de casa, e a professora era leiga, só podia ensinar até a 3ª série, mas tudo aos poucos foi melhorando e se adequando a realidade e necessidade local.

A comunidade foi crescendo vindo outras pessoas de outros lugares morar nas terras de familiares, então houve necessidade de comprar uma área de terra para fazer de fato uma associação comunitária, onde o senhor Raimundo Toró vendeu uma área de terra medindo 250 metros quadrados para o prefeito Antonio Nogueira de Souza, onde hoje é localizada a igreja Nossa Senhora da Conceição e a Escola Antonio Henrique de Oliveira, e habitam mais de 30 famílias.

Quanto aos aspectos sócio econômicos, as famílias em torno da escola vivem da produção agrícola (mandioca), e do Benefício do Governo Federal (Bolsa escola).

Possui uma associação comunitária de trabalhadores rurais, onde todos tem direitos e deveres, financiamentos do PRONAF agricultura familiar, muitos melhoraram suas condições de vida por conta desse apoio.

A Associação Comunitária Nossa Senhora da Conceição, fica localizada na travessa São Pedro, a 5Km da Vila, zona rural de Santa Maria do Pará. Foi fundada em 26 de junho de 1998, com CNPN 02.721.719/001-47.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Antonio Henrique de Oliveira recebeu esse nome porque Antonio Henrique foi um político da localidade.

1.1.3. A Escola

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Antonio Henrique de Oliveira, está situada na Travessa São Pedro, foi construída na administração do Senhor Prefeito Antonio Nogueira de Sousa, e inaugurada em 08 de março de 1986.

A Escola Municipal Antonio Henrique de Oliveira, é de boa estrutura física, tem uma

sala de aula, um refeitório, uma cantina, uma mini-secetaria, um depósito de guardar a merenda escolar, dois banheiros, um masculino e um feminino.

Foto 1: Fachada da Escola



Fonte: Pesquisadora - 2018

A instituição funciona apenas no turno da tarde, e com dois funcionários: um professor, uma servente.

A Escola possui apenas uma turma com 20 alunos da multissérie sendo: 8 (oito) alunos do 2º ano (7 anos), 3 (três) alunos do 5º ano (12 anos), 4 (quatro) alunos do 4º ano (9 anos), 5 (cinco) alunos do 1º ano (6 anos).

A professora atua no ensino fundamental, e tem experiência em sala de aula a 25 anos.

A respeito das práticas pedagógicas são renovadas e algumas ainda tradicionais, o índice de aprovação de 85% do alunado apresenta distorção ano/idade.

Atualmente a escola encontra-se cadastrada no Programa Escola Ativa, que auxilia nas práticas pedagógicas das classes multisseriadas e cria condições para a aprendizagem voltada a compreensão da realidade social na qual a criança está inserida.

1.2. PERCURSO METODOLÓGICO

Diante da breve apresentação do lócus de pesquisa é importante o percurso

metodológico trilhado neste trabalho.

As escolhas dos aspectos metodológicos de um trabalho de pesquisa são de suma importância, pois há inúmeras metodologias de trabalho e a melhor adequação dos meios indicará a eficácia da pesquisa. Por meio da metodologia, pôde-se alcançar um fim determinado. Como afirma Minayo (2003), a análise de conteúdo tem por finalidade, verificar hipótese e ou elucidar o que existe por trás de cada conteúdo manifesto.

Neste sentido, a pesquisa está atrelada as bases qualitativas por meios de instrumentos que viabilizarão ao pesquisador uma compreensão referente ao objeto da pesquisa. Diante desse fato, optou-se pela modalidade qualitativa pela mesma proporcionar enquanto pesquisador, vivenciar critérios de qualidade tomando como base a entrevista semiestruturada, que nos dá uma perspectiva, possibilitando a compreensão do que os sujeitos da pesquisa pensam, falam do tema em questão.

Lüdke e André (2003) consideram que:

É cada vez mais evidente o interesse que os pesquisadores da área de educação vêm demonstrando pelo uso das metodologias qualitativas. Apesar da crescente popularidade dessas metodologias, ainda parecem existir muitas dúvidas sobre o que realmente caracteriza uma pesquisa qualitativa, quando é ou não é adequado utilizá-la e como se coloca a questão do rigor científico nesse tipo de investigação. [...] A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. A pesquisa qualitativa supõe contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está inserida [...]. (LÜDKE e ANDRÉ, 2003, p.11)

O tipo de pesquisa usado no trabalho foi a pesquisa de campo, pois ela é uma das técnicas de pesquisa aplicadas onde se buscou informações de forma ampla, bastante utilizada nas pesquisas de natureza qualitativa, e com objetivos exploratórios.

Para a realização desta pesquisa teve-se como sujeito a professora regente da multisserie do ensino fundamental da escola, com formação em Pedagogia e Informática, 25 anos de atuação profissional no magistério, e a turma atual com 20 alunos. São sujeitos também, os três alunos da turma, pertencentes ao segundo ano na referida turma e que foram observados em suas atividades durante o processo ensino aprendizagem.

Inicialmente se fez contato com a direção da instituição escolhida para solicitar a permissão necessária para realizarmos a pesquisa.

Em um segundo momento convidou-se a professora a participar da pesquisa, onde se explicou o objetivo do trabalho a ser desenvolvido na citada instituição, e o quanto se

desejava a colaboração de todos para a realização da pesquisa. Foi explicado para todos os envolvidos no projeto sobre os termos de consentimento e sigilo que teriam que assinar.

Utilizou-se como suporte para a realização da coleta de dados o questionário previamente elaborado. Marconi & Lakatos (2006, p. 88) definem o questionário estruturado como uma “série ordenada de perguntas, respondidas por escrito sem a presença do pesquisador”.

A fim de levantarmos o maior número de informações acerca do objeto em análise, bem como dos sujeitos participantes da pesquisa, realizou-se a aplicação do questionário que contemplou um conjunto de 05 (cinco) questões à professora.

A pesquisa seguiu no primeiro momento a observação de uma situação didática em sala de aula. Em outro momento, praticou-se a aplicação de um questionário com as professoras, com a intenção de detectar as dificuldades dos alunos e professores do 2º ano do EF (Ensino Fundamental), em relação a aprendizagem da leitura e da escrita no processo de ensino.

Segundo Marconi & Lakatos (2006, p. 107), as técnicas de coleta de dados “são um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência; são, também, as habilidades para usar esses preceitos ou normas, na obtenção de seus propósitos”. Correspondem, portanto, à parte prática do conteúdo coletado e observado. Os procedimentos técnicos utilizados na coleta dos dados da pesquisa quantitativa foram: a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo.

Os dados foram coletados a partir da técnica do questionário que direcionou perguntas abertas, e a informante teve a possibilidade de discorrer sobre o tema. Para isso, disponibilizou-se o roteiro de entrevista e a carta, o que conforme fala Lakatos (2006), explica a natureza da pesquisa, sua importância e a necessidade de obter respostas, tentando despertar o interesse do receptor, no sentido de que ele preencha e devolva o questionário dentro de um prazo razoável. (p.100)

Para a análise das questões, optou-se por uma abordagem qualitativa, uma vez que trata de práticas de sujeitos que trabalham com as questões sobre as dificuldades dos alunos e professora do 2º ano do Ensino Fundamental, em relação a aprendizagem da leitura e da escrita no processo de ensino.

Para o tratamento dos dados qualitativos da pesquisa, conforme Lüdke (2003) considerou-se evidências múltiplas obtidas durante a pesquisa, ou seja, os relatos, as transcrições de respostas e demais informações disponíveis e analisadas, levando-se em conta os objetivos do trabalho. Por conta disso, é visível que é grande a batalha em uma pesquisa, mas acredita-se que, pode-se com a questão-problema da pesquisa, e a reflexão dos fundamentos teórico-metodológicos discutidos pelos autores acima, contribuir com uma orientação para uma prática mais real, aceita e confortavelmente a ser implementada e vivida ‘pelos’ e ‘para’ os alunos do Ensino Fundamental da Escola.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. LEITURA E ESCRITA: PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO

Destaca-se que a leitura e a escrita desenvolvem o pensamento crítico do ser humano, e é através delas, em todas as disciplinas, que ele amplia conhecimento, experiências e repertório cultural.

Dessa maneira, a leitura e escrita têm que fazer parte do dia a dia do aluno, e é por essa percepção que se tem na prática vivencial que há uma grande defasagem em relação a isso, pois se sabe que para qualquer ano e modalidade que o aluno esteja, é essencial adquirir as competências e habilidades para leitura e escrita de seu desenvolvimento e aprendizagem, pois o que se percebe, é que ele chega a um nível mais elevado e não sabe ler, e em consequência disso, também não sabe escrever.

Concordando, com Magda Soares (2004), a expansão do significado de alfabetização em direção ao conceito de letramento, levou à perda de sua especificidade.

[...] no Brasil a discussão do letramento surge sempre enraizada no conceito de alfabetização, o que tem levado, apesar da diferenciação sempre proposta na produção acadêmica, a uma inadequada e inconveniente fusão dos dois processos, com prevalência do conceito de letramento, [...] o que tem conduzido a um certo apagamento da alfabetização que, talvez com algum exagero, denomino desinvenção da alfabetização [...]. (SOARES, 2004, p.8)

Essa fusão dos dois processos segundo Soares (2004) leva à chamada “desinvenção da alfabetização”, aliada à interpretação equivocada das novas perspectivas teóricas o que acarretou na prática a negação de qualquer atividade que visasse à aquisição do sistema alfabético e ortográfico, como o ensino das relações entre letras e sons, o desenvolvimento da consciência fonológica e o reconhecimento das partes menores das palavras, como as sílabas, pois eram vistos como tradicionais. Passou-se a acreditar que o aluno aprenderia o sistema simplesmente pelo contato com a cultura letrada, como se ele pudesse aprender sozinho o código, sem ensino explícito e sistemático.

Atualmente, se reconhece a importância de se usar algumas práticas da escola tradicional, e não se pode negar uma prática ou outra, só por ela estar fundamentada em uma ou em outra concepção, mas, sim, avaliar quais são as suas contribuições e se convêm serem utilizadas para um processo de alfabetização significativa.

Diante disso, percebe-se a importância de se usar algumas práticas, que são entendidas como as facetas da alfabetização segundo Soares, assim como os equívocos de compreensão

do construtivismo foram percebidos e ajustados e muitos aspectos da escola nova tidos como essenciais.

Nesse caso, Soares (2004) entende que a leitura e a escrita fazem parte do mundo do ser humano e estão presentes na sua rotina, por isso na escola o professor deve fazer de forma prazerosa, significativa, sem abandonar as habilidades e competências que os alunos precisam construir ao longo do processo educacional. Entende-se então, que o ensino nas escolas deve estar voltado para a prática de leitura e escrita, pois os alunos atualmente reclamam que não gostam de ler. Não há dúvidas de que a leitura traz grandes benefícios ao ser humano, quem lê tem conhecimentos e passa a “ver o mundo” de outra forma, sentindo-se mais humano.

Dessa forma, Soares (2004) relata que a escrita não pode ser desvinculada da leitura, as experiências adquiridas através da leitura influenciam de muitas maneiras na escrita, pois através da leitura constrói-se uma grande intimidade com a escrita. A leitura é a forma de ampliação da memória e do conhecimento sobre os mais variados assuntos que se pode escrever, portanto a leitura deve ser utilizada como prazer e como necessidade.

Destaca-se ainda a importância da participação dos pais nesse processo. A família é um dos ambientes de letramento para a criança em desenvolvimento, como afirma Kleiman (1998):

Assim, neste contexto, o letramento é desenvolvido mediante a participação da criança em evento que pressupõe o conhecimento a escrita e o valor do livro como fonte fidedigna de informação e transmissão de valores, aspectos estes que subjazem ao processo da escolarização com vistas ao letramento acadêmico. Note-se que para a criança cujo letramento se inicia no lar, no processo de socialização primária, não procede a preocupação sobre se ela aprenderá ou não, entretanto, nos pais de grupos marginalizados. (KLEIMAN, 1998, p. 183)

Se no ambiente familiar a leitura for promovida e incentivada, haverá uma maior probabilidade de a criança adquirir o hábito permanente da leitura. Também é certo que nem todas as crianças têm acesso aos livros, dentro do seio familiar, por isso cabe à escola o papel de promover e incentivar o contato com os livros e, conseqüentemente, com a leitura. È por este motivo que muitos autores destacam que o gosto pela leitura começa a ser desenvolvido nos primeiros anos de escolaridade e que é obrigação do professor promover aulas de leitura significativas, de forma a incentivar uma formação crítica e reflexiva do indivíduo.

Kleiman (2008), in *Revista Científica Eletrônica de Pedagogia*, ressalva que quando se ensina a ler não se pode unificar a leitura, pois cada leitura é subjetiva e cada leitor carrega as suas experiências no ato de ler, daí enfatizar que ensinar a ler é:

(...) criar uma atitude de experiência prévia com relação ao conteúdo referencial do texto, (...) é ensinar a criança a se autoavaliar constantemente durante o processo para detectar quando perdeu o fio; é ensinar a múltipla fonte de conhecimentos – linguísticas, discursivas, enciclopédicas – para resolver falhas momentâneas no processo; é ensinar, antes de tudo, que o texto é significativo, e que as sequências discretas nele contidas só têm valor na medida em que elas dão suporte ao significado global.

E os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação da leitura devem ser bons leitores, o professor deve gostar de ler e ler muito, envolvendo-se com aquilo que lê. “A leitura do professor (...) é pré-requisito para a leitura do aluno”. (LAJOLO, 1999)

Sendo assim, não basta teorizar sobre a importância e os benefícios da leitura, é fundamental a existência de profissionais capazes e competentes, que sintam eles próprios o prazer da leitura e possuam uma ampla visão literária, para assim obterem a sua própria concepção de leitura, repassando-a a futuros leitores.

E o fato de a leitura não se situar nos principais interesses das pessoas, ou porque pensam que cresceram com a ideia de que não gostam de ler ou porque foram habituadas a nunca apreciar um livro nem a conviver com a leitura. Assim, acredita-se que todo este processo começa no seio familiar onde estão os principais exemplos de conduta, e que serão tidos como modelos pela vida toda, por ser um espelho de princípios e de comportamentos.

De um ponto de vista mais específico, segundo Ferreiro (2004), na fase inicial do processo de alfabetização, é fundamental ter um ambiente favorável a leitura e escrita, ela deve ser estimulada para que desperte o interesse pela leitura. Quando ela convive em um ambiente desse, torna-se, mais fácil para ela entender e desenvolver a leitura e escrita. A criança precisa ouvir, ter diferentes recursos, observar ilustrações para que essas estimulações beneficiem para o seu processo e que a estimulem no desejo de querer aprender a ler e a escrever. A sala de aula, por exemplo, deve ser bem colorida, provida de materiais diversos que provoquem o encontro da criança com diversos gêneros textuais e com suas próprias produções. Tal ambiente deve ser preparado com atividades permanentes, construção de projetos com assuntos variados do interesse das crianças e uma sequência de atividades pensada de maneira que supra os diferentes níveis de dificuldade.

Para isso e de acordo com os PCNs: “Não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos (...). As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura”. (BRASIL, 1997, p.36)

Na fase de construção da escrita para a criança, é um grande desafio e ao mesmo tempo um problema, porque é difícil ela entender que a letra sozinha não possui nenhum significado e que só terá, juntando com outra letra, e que essa letra pode fazer parte de outras

palavras escritas em outras ordens.

É importante ressaltar para a importância de respeitar as fases de desenvolvimento de cada criança em seu período de aprendizagem. Emília Ferreiro e Ana Teberosky (2008) afirmam isso em seus estudos com crianças em fase de aprendizagem, sendo que todas as escolas devem atentar para esse processo e respeitar as dificuldades de cada criança.

Ao tratarmos do letramento e sua relação com a construção de hábitos de leitura, faz-se necessário ressaltar a relação entre a cultura escrita e seu uso social dentro e fora da escola, pois a leitura e a escrita devem sempre ser ensinadas e exploradas pelo viés de seu uso social, possibilitando assim ao aluno uma aprendizagem significativa e o desenvolvimento real da prática de leitura.

Ao falar da construção do conceito de letramento, Soares (2010) decompõe a palavra: letra + mento, estabelecendo os significados dos termos:

Letra como forma portuguesa da palavra latina littera e, -mento como sufixo, que indica resultado de uma ação. Portanto, letramento é o resultado da ação de “letrar-se”, se dermos ao verbo “letrar-se” o sentido de “tornar-se letrado”. Resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita, o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. (SOARES, 2010, p. 38)

Assim, “Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. (SOARES, 2009, p.18)

A mesma autora, afirma também que mesmo que a pessoa seja considerada analfabeta por não saber ler e escrever, ela de certa forma pode ser letrada, desde que faça uso das funções sociais da leitura e da escrita, como por exemplo, quando se interessa em ouvir uma história ou quando pede para alguém ler para ela algo, seja um bilhete, uma carta etc.

Kleiman (2005) afirma também que:

As práticas de letramento escolares visam ao desenvolvimento de habilidades e competências no aluno e isso pode, ou não, ser relevante para o estudante. Essa diferença afeta a relação com a língua escrita e é uma das razões pelas quais a língua escrita é uma das barreiras mais difíceis de serem transpostas por pessoas que vêm de comunidades em que a escrita é pouco ou nada utilizada... Além disso, se uma criança participa de eventos de letramento no lar, por exemplo, escuta as histórias que um irmão mais velho, pai ou avô lê para diverti-la e distrai-la, essa criança já associa o livro ao lazer, àquilo que lhe é prazeroso e aconchegante. Mas isso não é universal. (KLEIMAN, 2005, p. 33, p. 35)

Então, conhecer o modo como a língua escrita está sendo utilizada em seus aspectos e funções sociais recebe a denominação de letramento, uma vez que, envolve não somente

codificar ou decodificar uma mensagem, mas sim porque exerce diferentes funções e finalidades comunicativas. Para tanto, no âmbito de desenvolver o hábito da leitura nos educandos, os usos e funções da escrita devem ser trabalhados para ampliarem gradativamente a discussão e a posição crítica do aluno com relação ao meio social em que está inserido. Para Soares (2010):

[...] letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais, ou seja, é o conjunto de práticas sociais relacionadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social. (SOARES, 2010, p. 72)

Dito isso, as habilidades de leitura e escrita desenvolvidas com os alunos são importantes, pois uma vez inserido na cultura do mundo letrado o aluno já possui conhecimentos prévios que podem ser utilizados na construção de novos conhecimentos pela mediação do professor no ambiente escolar. Desta forma, o aluno pratica cotidianamente, seja mediado ou individualmente, a leitura do mundo que o rodeia e, a escola deve valorizar o conhecimento prévio trazido por ele e utilizá-lo para despertar suas experiências diárias, deixando-o atento para um olhar crítico na observação da cultura letrada de que faz parte dentro e fora da escola.

Kleiman (1998) explica que:

O aprendizado e o desenvolvimento da leitura e da escrita ocorrem parte no cotidiano, no nosso dia a dia, e parte por meio de atividades sistemáticas na escola, com a utilização de reflexões sobre as práticas de nossa cultura.... O desenvolvimento das competências de leitura e de escrita dependem também da intervenção criativa, crítica e funcional do professor que planeja atividades e práticas de leitura e escrita que sejam prazerosas e significativas para os alunos. (KLEIMAN, 1998, p. 18-19)

Cabe ao professor, portanto, a consciência de seu papel fundamental no processo do desenvolvimento de tais competências, questionando-se se sua prática pedagógica está ocupada em ser prazerosa e significativa para as crianças, que façam, portanto, dessa, uma prática conectada com a vida cotidiana dos alunos. Sobre este aspecto, Vygotsky (2007), reflete:

O aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem a escola. Qualquer situação de aprendizagem com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia. Por exemplo, as crianças começam a estudar aritmética na escola, mas muito antes tiveram alguma experiência com quantidades – tiveram que lidar com operações de divisão, adição, subtração e determinação de tamanho.

Consequentemente, as crianças têm sua própria aritmética pré-escolar... (VYGOTSKY, 2007, p.110)

Considerando isso, podemos notar que os processos de alfabetização e letramento, embora sejam, em grande, parte uma responsabilidade da escola, não é dado exclusivamente nela. Ao contrário, antes mesmo da experiência escolar, a criança que nasce nesse universo letrado que é o mundo, inicia a percepção de signos linguísticos, embora não o decodifique, lê gestos, símbolos, expressões, tons de voz... ela, por este motivo, começa sua carreira escolar com um repertório que precisa ser visto e reconhecido pelo professor.

Nessa perspectiva, faz-se necessário à escola promover a interação significativa dele com o meio da língua escrita, de maneira mais ampla do que já conhece. Entende-se que, explorar o hábito da leitura e também da escrita a partir da leitura do mundo propicia aos alunos o desenvolvimento de conhecimentos sobre o uso destes de forma social e funcional, gerando uma aprendizagem significativa de leitura de símbolos verbais ou não verbais cotidianamente, ou seja, aprendem a ler o mundo em que vivem.

Diante do exposto, pode-se dizer que no mundo contemporâneo, os que não possuem o domínio da leitura e da escrita sofrem discriminação e exclusão social, pois a leitura da palavra escrita é um ato de conhecimento que possibilita-nos conhecer a realidade e a produção cultural historicamente construída por meio de expressão escrita, onde são partilhados sentimentos, pensamentos e interesses, apresentados outros lugares, tempos e culturas, permitindo-nos sonhar e ajudando-nos a pensar.

Segundo Kleiman (1995, p. 18):

Aprender uma língua não é apenas aprender letras, palavras, mas é também entender os significados que expressam as diferentes formas como as pessoas vivem, interpretam e representam a realidade. A leitura e a escrita se faz presente de diversas formas, cumprindo diversas funções.

A partir da questão, entende-se que a escrita é uma representação da linguagem, deve-se ver a criança ser alfabetizada e letrada como alguém que pensa, que constrói interpretações, que age sobre o real para fazê-lo seu, portanto um ser capaz de construir seu próprio conhecimento, desde que haja suporte para tal, podendo assim, elaborar suas próprias ideias sobre o sistema de leitura e escrita.

Além de aproximar as crianças do mundo letrado, a leitura alimenta o imaginário e incorpora essas experiências à brincadeira, ao desenho e às histórias que todos gostam de contar. Soares (2010, p.39) diz que uma criança que, sem ser alfabetizada finge ler um livro, vai correndo o dedo na linha da escrita e faz entonações de narração da leitura, até com estilo,

essa criança é letrada, porém não alfabetizada.

O desenvolvimento de tais atividades levará as crianças a entender a importância e o funcionamento da escrita em nossa sociedade, desenvolvendo capacidades necessárias para a sua apropriação. Isso poderá motivá-las a querer conhecer mais, querer aprender a ler e escrever de maneira prazerosa e satisfatória. O trabalho com as crianças deve partir do cotidiano em que estão inseridas. O professor deve perceber a necessidade da criança e provocar nela o desejo para a aprendizagem. Nisso, as atividades a serem oferecidas devem ser motivadoras, de curiosidades e indagações para futuras descobertas.

Finalmente, acredita-se que a leitura pressupõe ao leitor dialogar com o texto, estabelecer relações entre o contexto do autor e o seu, problematizar e reelaborar o lido, ou seja, requer o perguntar, o questionar sobre o que se lê, o criar e recriar a palavra e conseqüentemente ir produzindo sua escrita, passando-se também a perceber-se autor de si e de sua história.

2.2. PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL

Entende-se por prática pedagógica a atuação que o docente realiza no dia a dia nos espaços escolares como agente social e cultural para auxiliar o aluno a transpor os obstáculos na construção do seu saber.

Nesse entendimento, o professor passa por situações problematizadoras, considerando sua experiência e confrontando o cotidiano com o saber escolar, contribuindo com o crescimento do discente, identificando indícios que se apresentam com relação às dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita. Assim posto, destaca-se que a prática pedagógica pode ser pensada como expressa Fernandes (2006, p.447):

[...] prática intencional de ensino e aprendizagem não reduzida à questão didática ou às metodologias de estudar e de aprender, mas articulada à educação como prática social e ao conhecimento como produção histórica e social, datada e situada, numa relação dialética entre prática-teoria, conteúdo-forma e perspectivas interdisciplinares. (FERNANDES, 2006, p. 447)

Essa relação é discutida, principalmente, nas disciplinas pedagógicas, uma vez que, de maneira mais concreta, a reflexão sobre a relação entre a teoria, que fundamenta nos curso, e a prática que se irá desenvolver.

O que se percebe é que; não bastam somente leituras e uma relação forçada pelos exemplos da prática pedagógica, se faz necessário uma postura investigativa, criativa,

dinâmica para que se possa implementar uma prática onde se desenvolva a leitura e escrita de forma prazerosa. Assim, a preocupação com a relação entre teoria e prática pedagógica tem permeado as discussões na educação e, principalmente, as que se referem aos cursos de formação inicial, pois nem sempre os professores adquirirem tal habilidade.

Fica estabelecida assim, a necessidade de o educador apropriar-se dos pressupostos teóricos metodológicos dos processos de alfabetização e letramento, de modo a opinar, em sua prática pedagógica, por caminhos que tornem esses processos interdependentes em algo significativo à vida cotidiana de seus alunos a ponto de contribuir para uma das funções sociais da escola: a formação de cidadãos críticos para a transformação social.

Mas então, qual seria o desafio posto à escola e aos educadores? Soares (2004) aponta uma possibilidade interessante:

Alfabetizar letrando ou letrar alfabetizando pela integração e pela articulação das várias facetas do processo de aprendizagem inicial da língua escrita é sem dúvida o caminho para superação dos problemas que vimos enfrentando nesta etapa da escolarização; descaminhos serão tentativas de voltar a privilegiar esta ou aquela faceta como se fez no passado, como se faz hoje, sempre resultando no reiterado fracasso da escola brasileira em dar às crianças acesso efetivo ao mundo da escrita. (SOARES, 2004, p.12)

Acredita-se então, que em todas as formas de leitura desenvolvidas pelo professor, o conhecimento já adquirido em leituras anteriores é fundamental para que haja uma melhor compreensão e ampliação dos respectivos conhecimentos. A leitura não se esgota no momento em que se lê, ela se espalha por todo o processo de compreensão que antecede o texto; produzindo efeitos na vida e no convívio com outras pessoas. Através da leitura se consegue mais eficácia no desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade.

Por outro lado tanto, para Antunes (2003):

[...] elaborar um texto é uma tarefa cujo sucesso não se completa, simplesmente, pela codificação das ideias ou das informações, através de sinais gráficos. Ou seja, produzir um texto não é uma tarefa que implica apenas o ato de escrever. Não começa, portanto, quando tomamos nas mãos papel e lápis. Supõe, ao contrário, várias etapas, interdependentes e intercomplementares, que vão desde o planejamento, passando pela escrita propriamente, até o momento posterior da revisão e da escrita. (p. 54)

Escrever um texto não é uma tarefa fácil, deve-se ter um planejamento do que será escrito. Logo após o planejamento deve-se escrever no papel o texto, ou seja, passa-se a colocar no papel o que foi planejado, e a fase final é rever o texto, para que se confirme se os objetivos foram cumpridos ou mesmo fazer uma revisão para verificar se o texto possui

coerência e coesão, bem como alguns erros de português. Além disso, é necessária a leitura de mundo, imaginação, criatividade e vivências que possibilitem repertórios para criar necessidade do texto, da escrita. Não se escreva para nada, escrever é um modo de comunicar-se de expressar-se.

Percebe-se que os alunos tem dificuldade de ler, escrever, interpretar, por que não tem o hábito da leitura que é essencial para melhorar a oralidade e escrita. Quem lê, interioriza as regras gramaticais básicas e aprende a organizar os seus pensamentos na hora de escrever um texto. Nesse caso, Antunes (2003), descreve:

Não tenho dúvidas: se nossa prática de professores se afasta do ideal é porque nos falta, entre outras condições, um aprofundamento teórico, entre outras condições, um aprofundamento teórico acerca de como funciona o fenômeno da linguagem humana. (ANTUNES, 2003, p. 40)

Dito assim, o professor deve ter um aprofundamento teórico acerca da linguagem, e o principal, colocar em prática a teoria, pois não adianta nada ter conhecimentos sobre todas as teorias se não colocar em prática no ambiente escolar a leitura e a escrita de uma forma crítica e voltada para a construção de uma educação melhor.

2.3. PAPEL DO PROFESSOR

Diante das reflexões acima, qual se seria o papel do educador? Vale retomar algo importante mencionado acima: leitura e escrita se completam, uma favorece a outra.

Nesse entendimento Antunes (2003) enuncia que:

[...] para escrever bem, é preciso, antes de tudo, ter o que dizer, conhecer o objeto o qual vai discorrer. O grande tempo destinado à procura de dígrafos, dos encontros consonantais, à classificação das funções do que e outras questões semelhantes (pobres questões!) poderia ser muito mais aproveitadas com a leitura e análise (diária!) de textos interessantes, ricos em ideias ou imagens, sejam eles literários ou não. (ANTUNES, 2003, p. 70)

Se os aspectos gramaticais são importantes e não devem ser desprezados, o professor não pode perder tempo ensinando a Gramática Normativa de forma descontextualizada e sim a partir do texto. As aulas devem ser baseadas naquilo que os alunos querem e precisam saber, naquilo que lhes possa oferecer sentido e significado para ler e escrever o seu mundo. E isso, provavelmente tornará as aulas prazerosas onde os alunos de fato possam se desenvolver intelectualmente. O professor é o mediador do conhecimento, sua obrigação é ensinar os alunos para a vida fora da escola.

Segundo Antunes (2003):

O ideal é que o aluno consiga perceber que nenhum texto é neutro, que por trás das palavras simples, das afirmações mais triviais, existe uma visão de mundo, um modo de ver as coisas, uma crença. Qualquer texto reforça ideias já sedimentadas ou propõe visões novas. (ANTUNES, 2003, p. 81)

É preciso entender que um texto está repleto de ideologias dominantes, por trás das palavras existe a imposição de uma dada verdade, uma crença, ideologia política entre várias outras influências e formas de persuasão. Contudo, é importante entender que a sociedade atual exige, cada vez mais, pessoas críticas, atualizadas e construtoras de seus próprios saberes, e as diversas situações de ensino-aprendizagem vêm a partir de variados contextos linguísticos e do cotidiano, bem como questões sociais, políticas e econômicas, na busca de integrar o aluno aos saberes produzidos historicamente pela sociedade. E, além disso, ajudá-lo a compreender que ele próprio é produtor de textos, escritos ou não. E isso é contribuir para gerar a necessidade de ler e escrever.

Para isso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), visam transformar o ensino da leitura e escrita, bem como com os conteúdos selecionados pela escola junto com os professores, exercidos para os anos do ensino fundamental, com leitura e interpretação textual, textos literários, poesia e prosa, textos não literários jornalísticos e científicos, produção textual, análise linguística e da gramática, escrita, narração (crônica e argumentativa), assuntos da atualidade, e a gramática para cada série/anos do ensino fundamental.

Teberosky (1991) afirma que o trabalho com a leitura e produção textual ocorre através da interação social e isto pode, certamente ajudar, na valorização da criatividade, da independência e da emoção do sujeito social e elaborar o chamado pensamento crítico.

Por isso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997) propõem que o ensino que trabalhe com a leitura e a escrita, forme um aluno apto a se desenvolver enquanto leitor, e, que domine basicamente a produção das diversas modalidades de textos. Portanto, o papel do professor é de suma importância, para que de fato, as aulas estejam sempre voltadas para a realidade e necessidade dos alunos, ou seja, dificuldades em escrever e interpretar textos. Sabe-se que a leitura e escrita são de grande importância, pois através delas o aluno adquire conhecimentos em diversas áreas, o que facilita sem dúvida alguma, no momento de escrever um texto, a leitura proporciona um enriquecimento no vocabulário e argumentação.

Desta forma, quem possui práticas de leitura, escreve de forma clara, objetiva e diferente de quem não gosta de ler e, quem lê possui informações, opiniões e novos argumentos, que facilitam e culminam em um texto bem redigido.

Partindo do pressuposto de que ensinar a ler é uma tarefa de todo professor, Soares (2005) enfatiza que o nascedouro das questões sobre a leitura e a escrita está fundamentalmente em várias questões, sendo que a principal delas é a falta de leitura. As crianças escrevem mal, porque não leem.

Nessa relação, o professor é o grande mediador, é o ser que seleciona e disponibiliza textos inteligentes e interessantes, ele é o promotor da leitura e formador de leitores, é ele que cria situações estimuladoras e desafiadoras. Juntamente com o professor está à escola, o ambiente que deve ser propício para o hábito da leitura e do letramento, trabalhar com métodos diversificados, os quais devem ser estimuladores e o professor o mediador.

É certo que, gostar de ler resulta da prática de leitura, pelo contato que se tem com os livros e pelo estímulo que é oferecido aos alunos. A sala de aula deve ser o ambiente estimulador e o professor seu colaborador, oferecendo aos alunos oportunidade de serem bons leitores, fazendo interferências a partir do conhecimento prévio e explorando a heterogeneidade do grupo. É cada vez mais difícil tornar a prática da leitura presente no dia-a-dia da população.

Para Kleiman (1997), essa situação tem vindo a agravar-se devido à formação precária dos professores e ao seu desconhecimento dos resultados obtidos nesta área.

Kleiman (2002) propõe ao professor pensar como leitor, apropriar-se do seu próprio processo e concepção de leitura, para então conseguir dialogar e interagir com a escola. A autora quer com isto dizer que o professor deve evidenciar-se primeiramente como sendo um leitor ativo e interativo com a escola e os alunos. Ele é o *espelho* dos seus alunos e precisa de forma clara e espontânea, esclarecer os mesmos sobre a importância da leitura para a vida estudantil e pessoal de cada um.

Para o professor ser efetivamente um multiplicador de leitores, deve demonstrar aos alunos, que a leitura não se resume somente a letras e papel, a leitura significativa vai muito, além disso. A compreensão leitora é usada diariamente pelas pessoas, sempre que, por exemplo, assistam ao telejornal, elaborem a lista do supermercado, utilizem a internet, seja para jogos ou para pesquisas, ou simplesmente quando conversam.

Uma das circunstâncias mais importantes para a motivação para a leitura é a criação de espaços propícios. Assim, a sala de aula deve oferecer condições para que a criança interaja globalmente interiorizando-se com o texto, pois só assim a leitura adquire significado.

O processo de formação de leitores deve sair da teoria e ser aplicado na prática, a escola deve instrumentalizar os professores para a estimulação do interesse dos alunos pela leitura. A escola não deve assumir o papel negativo na formação dos leitores pela imposição de leituras, fichas de trabalho, testes, composições, resumos, cópias, ou seja, a leitura resumida simplesmente à matéria e ao conteúdo escolar. Aliada a isto, surge à utilização do texto apenas como pretexto para ensinar regras gramaticais, sem a utilização de um espaço exclusivo e absoluto para o desenvolvimento da leitura. Ela continua a ser a formadora, por excelência, de leitores, sendo o professor e o aluno os intervenientes deste processo. Importa ainda realçar o papel do professor como modelo ativo no processo da leitura, levando o aluno a perceber que a leitura faz parte do seu dia-a-dia, constituindo uma das ferramentas essenciais que conduz ao desenvolvimento de várias habilidades.

Diante disso, observa-se que para o sucesso da aprendizagem da leitura e da escrita é necessário condições de trabalho no ambiente escolar que considere desde a formação continuada de professores às condições físicas e de recursos pedagógicos para suas práticas. A formação de professores leitores e com consciência de que este processo vai além da decodificação de um sistema de signos, mas pode ainda possibilitar o desejo e a necessidade de apropriação dele a medida em que ofereça sentido e significado para aluno, é entanto, condição primeira para garantia de bons resultados na educação. Isso não significa responsabilidade única e exclusiva dos educadores, mas sobremaneira, das políticas educacionais brasileiras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1. OBSERVAÇÃO DAS CRIANÇAS

3.2. RODA DE CONVERSA E ENTREVISTAS

Diante do exposto acima e dos dados coletados no campo de pesquisa na Escola M. E. I. F. Antônio Henrique de Oliveira, realizou-se a análise considerando apresentar as respostas da entrevista com a professora regente em diálogo com a observação de sua práxis e conversa com as crianças.

Nesta análise destaca-se a entrevista da professora da Escola M. E. I. F. Antônio Henrique de Oliveira, a qual, para manter o sigilo de seu nome, optamos chamar a senhora por Maria das Flores Pinheiro.

Ao se perguntar à professora, “Quais as dificuldades dos alunos e professores do 2º ano do Ensino Fundamental no processo de ensino e de aprendizagem da leitura e a escrita?”. Ela explicou:

A falta de participação da família nas atividades extraclasse, disciplina, organização, concentração durante as aulas e aprendizado, enfim, o aluno encontra dificuldade em todas as matérias, pois todas dependem da leitura. Então, o ato de ler deve acompanhar o ser humano a vida toda, e quando ele ainda não sabe ler, tem dificuldade de desenvolver as atividades corretamente. É importante valorizar os conhecimentos que os alunos trazem de suas vivências para se juntar a sua aprendizagem, pois, precisamos inverter a ideia construída em torno de que a leitura é difícil demais.

Ao analisar-se a resposta da professora sobre as dificuldades dos alunos e professores do 2º ano do Ensino Fundamental no processo de ensino e de aprendizagem da leitura e a escrita, se percebe vários aspectos importantes que se vem discutindo no decurso deste trabalho. Identifica-se que a professora aponta como fatores responsáveis pelas dificuldades apresentadas pelos alunos no processo de aprender a ler e escrever: a) a família, b) disciplina, organização e concentração da criança (de 8 anos de idade) na escola; c) dificuldades nas demais matérias; d) a valorização das experiências dos alunos em sala.

Diante disso, é importante destacar que a comunidade onde a escola pesquisada se encontra tem uma população em sua grande parte não escolarizada. Muitas vezes com o trabalho no campo, as famílias dessas crianças não tiveram oportunidade de frequentar a escola ou, se a frequentaram, as condições não foram adequadas para sua permanência com sucesso, por este motivo, são analfabetos. Assim, é preciso um olhar atento às possíveis

impossibilidades do acompanhamento dessa família às atividades escolares extraclasses. Isso significa considerar atividades possíveis da criança resolver com autonomia e que resta a escola a responsabilidade de aprendizagem sistematizada da leitura e da escrita.

Sobre o segundo aspecto apresentado pela professora, entende-se que a necessidade de que o educador observe a criança em suas necessidades infantis, bem como o seu tempo de desenvolvimento integral e então dinamize o ensino e torne o ambiente acolhedor, alegre onde o aluno sinta vontade de aprender, pois essa é a responsabilidade do professor em classe, estimular o aluno para que ele vá aos poucos superando as dificuldades que lhe impedem de ler e escrever de maneira autônoma e crítica. Pode-se dizer ainda, que mais que cumprir uma determinação legal, o Ensino Fundamental de nove anos, onde a criança ingressa um ano mais cedo, tem a preocupação de garantir a aprendizagem dela, respeitando a especificidade da infância nos aspectos físico, social, psicológico, intelectual e cognitivo, diante disso é preciso saber se ela está superando as dificuldades com relação a leitura e a escrita no processo ensino e aprendizagem.

As dificuldades nas demais matérias é um item que se opta não discorrer uma vez que, embora se saiba da importância da aprendizagem da leitura e da escrita para o domínio e aprofundamento de demais áreas de conhecimento, não se estudou este processo com crianças nessa faixa etária.

Por último a valorização das experiências dos alunos, entende-se que com esta manifestação a professora assuma, não de maneira deliberada, a relevância da contextualização nesse processo, outrossim, aponta para a falta de contextualização um aspecto que dificulta o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita. Diante dos referenciais teóricos deste trabalho e tal resposta do campo de pesquisa, entende-se que é preciso o professor criar alternativas para que o aluno possa ler e compreender o significado das coisas que nos cercam, e o que as palavras querem dizer num contexto mais amplo. Para isso, o educando precisa desenvolver práticas sociais de leitura, diante disso, os livros de literatura mostrados as crianças têm de estar de acordo com que as crianças desejam e precisam aprender, pois eles despertam interesse, sabe-se que a literatura para criança também pode ir muito além daquilo que ela vê e sua imaginação pode executar uma infinidade de entendimentos, de leitura do que viu.

Ao analisar a colocação e, se considerarmos a realidade da sociedade contemporânea, fica claro que apenas dominar mecanicamente a leitura e a escrita não é suficiente, em razão

disso defende-se a necessidade de associar ao processo da alfabetização, a leitura e consequentemente o letramento na perspectiva de fazer deste processo a aprendizagem de conhecimentos socialmente necessários. No que se refere ao tempo escolar dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, por exemplo, período decisivo para o processo da alfabetização, teria que ser entendido muito mais como uma forma de ampliação do próprio entendimento da alfabetização ou como modo de complementar este processo.

A segunda pergunta realizada à professora foi: “Quais os procedimentos que o professor tem utilizado para estimular o interesse pela leitura e escrita?” ela pronunciou:

Para estimular os alunos em trabalhos com o lúdico, como por exemplo, a contação de história, leitura de mundo (quando se solicita para o aluno descrever o que ele presenciou ao vim de casa para a escola e fazer um relato), fazendo relação entre o que viu e depois com o que vai ler em textos. Leitura com os pais e os irmãos para interagirem em casa e depois socializar na sala, etc. Utilizo ambos os métodos (textos e silabação) não abandono a silabação, mas utilizo vários tipos de textos, porque a leitura é primordial. Centro o trabalho de leitura e escrita, nas necessidades que meus alunos têm, suprindo alguma falha que possa ter ficado com a utilização de algum método em específico.

A resposta da professora termina com algo que se considera muito importante na mediação de processos de alfabetização e letramento: o foco da professora nas necessidades das crianças, como se discutiu no capítulo anterior. Percebe-se, no entanto, a considerar-se os dados de observação do campo que, apesar dessa abertura à auto avaliação, bem como o uso várias estratégias consideradas relevantes, o trabalho pode não está rendendo aprendizagens significativas a contento, pois mesmo com os procedimentos tomados, os alunos permanecem com as dificuldades. Então se acredita ser preciso a professora redefinir propostas, alterar planos, rever práticas para que então se possa alcançar resultados positivos com os alunos. Questionando-se se as suas estratégias, quer considere lúdicas ou não, estão em consonância com a realidade das crianças, à serviço de suas necessidades, portanto.

É certo que o poder da palavra falada pode transportar para mundos de imaginação e encantamento e assim, a própria contação de histórias citada pela professora, pode conduzir o pensamento por mundos mágicos, onde a imagem é construída de acordo com o momento e a forma como o narrador interpreta a história. Ao contar histórias em sala de aula, o professor promove a identificação e trocas culturais entre obra e leitor, e desse modo às visões de mundo do aluno defrontam-se com visões de mundo da obra, não se detêm necessariamente numa ou noutra, nem se contrapõe, mas propiciam o tecido de novas tramas, possíveis embriões de novas compreensões. Mas as histórias precisam fazer sentido para os alunos,

precisam ser contadas em um ambiente especial, que permita a liberdade de expressão da criança. A história mais que apenas um momento para aquietar os ânimos infantis, pode dialogar com as técnicas de alfabetização, por exemplo, e pode, antes de tudo abrir as portas para o enamoramento da criança com o texto escrito.

Além disso, é importante destacar novamente que no contexto sócio-cultural de Vila São Paulo, o índice de pessoas analfabetas na família é grande, o que pode inviabilizar que outras pessoas, a não ser o próprio aluno “domine” o código escrito. Se por um lado essa experiência é interessante e motivadora dos demais familiares aprenderem, por outro, a suposta ajuda que a criança deveria ter é escassa. Nesse caso é papel do professor perceber a inviabilidade ou dificuldade que gera com um proposta como essa, bem como o constrangimento que pode gerar à criança e a família. Sabe-se da atual realidade de sociedade, as diferenças entre as classes sociais, as injustiças, a limitação de conhecimento das classes populares entre outros fatores, pois:

[...] pesquisas já demonstraram que, enquanto as classes dominantes veem a leitura como fruição, lazer, ampliação de horizontes, de conhecimentos, de experiências, as classes dominadas a veem pragmaticamente como instrumento necessário a sobrevivência, ao acesso ao mundo do trabalho, à luta contra suas condições de vida. (SOARES, 2005, p. 21)

É fundamental reconhecer que nessa comunidade onde o trabalho na roça toma o tempo e as oportunidades de estudo para garantir o sustento da família. Desse modo, não só o professor evita estratégias desmotivantes e constrangedoras como as transformam em possibilidades de desenvolvimento e envolvimento das famílias.

Perguntou-se à professora “Os processos de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita são desenvolvidos de forma contextualizada proporcionando sentido e significado para a vida dos alunos?”, ela relatou que “sim”, e prossegue declarando que:

O processo de ensino desenvolvido se dá com o uso de novas técnicas, pesquisas e leituras de materiais, livros, artigos de especialistas, e dos materiais que se tem acesso como o do PNAIC e outros que temos adquirido nas formações pedagógicas oferecidas pela Secretaria Municipal de Educação de Santa Maria do Pará, que apresentam uma visão geral e contextualizada de como ocorre os processos de aquisição da linguagem, da leitura e da escrita com os alunos.

Frente a resposta da professora, nota-se no momento da análise uma questão importante, a falta da frase: justifique-se, na sequência da pergunta realizada não nos possibilitou um resposta mais objetiva da professora com relação a sua prática. Assim, obtive-

se uma resposta que versa sobre o contexto da formação continuada da professora, dando margens à várias interpretações. Sendo assim, a observação da sala de aula será a principal fonte de respostas à essa questão.

Durante o período dedicado a observação na sala de aula, notou-se alguns alunos brincam muito no momento da aula distraíndo-se e às vezes não copiando as atividades o que gera atraso e perda do perdendo o ritmo coletivo para copiar, ler e escrever como o esperado pela professora. Notou-se também uma fragmentação que considero importante: há as horas lúdicas e as horas de trabalho. Também se pode dizer que, presenciou-se esse desinteresse dos alunos na escola no campo, mas as crianças dizem que, é muito ruim estudar todos juntos, com anos diferentes na mesma classe, porque a professora demora a fazer atividade para os do 4º ano, porque ela inicia com um grupo de alunos e até chegar o ano dele já esperou muito.

Por outro lado, a professora também enfrenta muita dificuldade porque trabalhar em uma sala extremamente heterogênea contemplando todos os anos escolares dos alunos no Ensino fundamental menor é complicado. E ainda, pode-se dizer que, independente do nível de conhecimento de cada um, a professora precisa dar atenção a cada individual e desenvolver atividades diferenciadas com eles.

Esta realidade desafiadora, também contribui como ponto de dificuldade no aprendizado da leitura e da escrita das crianças do segundo ano. Percebemos que nesse aspecto é preciso um investimento do poder público na formação continuada desses professores de modo que contribua na compreensão e atuação com essa especificidade da educação.

Em relação aos procedimentos que a professora tem utilizado para estimular o interesse pela leitura e escrita, observou-se que para estimular os alunos em trabalhos, conforme seu próprio relato ela desenvolve a contação de história, leitura de mundo, leitura com os pais e os irmãos para interagirem em casa e depois socializar na sala, etc. Observou-se ainda que utilizou vários tipos de textos para os alunos lerem. Notou-se que essas práticas contribuem para despertar o interesse das crianças porque a professora trabalha com joguinhos, bingo, e o desempenho da leitura e da escrita vão se aprimorando. Embora eu observe que isso acontece de forma lenta, porque quando a professora faz um bingo de palavras, por exemplo, como fez, percebi que os alunos de 4º e 3º ano marcavam e liam as palavras rapidamente, enquanto que os alunos dos demais anos nem sempre sabiam ou marcavam, e quando marcavam era dito pelos colegas.

Ao observar que procedimentos a professora utilizava para estimular o interesse pela leitura e escrita, constatou-se que utiliza, para estimular os alunos em trabalhos, vários materiais lúdicos, como por exemplo, o domino de palavras, as histórias em quadrinho nos gibis, a musiquinha, as danças com a letra da musica, que foi usada a musica da Xuxa, Abecedário. Vivenciou-se com a turma momentos onde a professora trabalhou com várias estratégias como a historinha da tirinha de gibi, em uma situação de limpeza corporal. Foi trabalhada a linguagem oral, todos participavam igualmente com as colocações, uns contribuía mais e outros menos.

Percebi que sempre a professora procura abordar em sua prática os assuntos em todas as disciplinas, em uma prática contextualizada.

Entendi em minha participação na sala de aula, que muitos fatores contribuem para as dificuldades de apropriação da leitura e escrita dos alunos da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Antônio Henrique de Oliveira, pois no momento em que estava em campo, constatei as dificuldades da professora e dos alunos, ela ao querer ensinar a todos sem conseguir atingir aos objetivos propostos em seu plano de aula. E ainda as dificuldades especificamente dos seus alunos, são por conta da heterogeneidade de série que impede de realizar um ensino sequenciado onde todos possam resolver atividades ao mesmo tempo, gerando um tempo de espera e ociosidade grande e desestimulante.

Como sequencia da entrevista indaguei a primeira professora “Que fatores contribuem para as dificuldades de apropriação da leitura e escrita dos alunos da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Antônio Henrique de Oliveira?”, ela explicou:

Acredito que muitos são extra-escolares e intra-escolares, tais como posso até dizer que o ensino inadequado feito por meio de conteúdos alheios a realidade do aluno, práticas tradicionais, falta de motivação e recursos que ajudem a desenvolver práticas diferenciadas, e em alguns alunos também se percebe fatores como biológicos e psicológicos que levam a falta de percepção, atenção, memória que são os requisitos básicos para a aprendizagem da leitura e da escrita, pois elas se completam.

Entende-se na colocação como bem explicita Antunes (2003), “poderia ser muito mais aproveitadas com a leitura e análise (diária!) de textos interessantes, ricos em ideias ou imagens, sejam eles literários ou não”. (ANTUNES, 2003, p. 70)

A leitura de variados tipos e gêneros de textos ampliam nossas opiniões e argumentos para escrever um respectivo texto, assim, a escola não pode perder tempo ensinando a

Gramática Normativa através de frases literárias famosas e sim a partir de textos que despertem outros conhecimentos.

A colocação nos leva a entender que todos têm ‘culpa’, e que nesse processo diante do relato, é preciso o professor refletir sobre sua prática, ver onde pode ser valorizado o contexto de ensino para que assim, ele possa reverter o problema.

Indagou ainda à professora “você é leitora, qual a sua relação com essa prática?”, ela verbalizou que:

Sim, sou leitora, comecei a ler desde cedo quando pequena, gostava muito de ler. Sei que poderia ter uma prática mais assídua de leitura, pois sempre gostei e considerei a leitura como essencial para a vida das pessoas. A leitura pode aparecer em várias situações, aparece em um momento de entretenimento, em um momento significativo onde a capacidade imaginativa e criativa das pessoas precisam ser irrigada com doses de leitura, para tornar-se um leitor.

Embora a colocação da professora seja positiva, não caracteriza claramente uma relação com a leitura como necessidade, como vital. Além disso, para além de ser leitores, importa de que é necessário o aprofundamento teórico sobre os processos de leitura e escrita como linguagem, como nos fez refletir Antunes (2003) para que essas percepções apareçam na intencionalidade do trabalho pedagógico do planejamento à avaliação. O professor leitor entende a leitura como necessárias e essenciais para todos, porque sabe que no final de cada leitura ficamos enriquecidos com novas experiências, ideias, opiniões, é uma nova forma de ver a vida, o mundo. Passamos a discutir a realidade do mundo e a tentar entender o ser humano. Ler é estimulante, através da leitura partilhamos sentimentos, pensamentos e interesses, viajamos para outros tempos, lugares e conhecemos outras culturas.

Portanto, estimular a formação do uso frequente de leitura na idade em que todos os hábitos se formam, isto é, quando criança está formando seu repertório vocabular, é muito importante. Com isso, a leitura é uma estratégia fundamental para o desenvolvimento cognitivo e social dos alunos, sendo que cada uma tem suas limitações e dificuldades, para assim exercer seu papel que é essencial na aprendizagem. E o professor de natureza deve ter prazer em ler para que assim o faça para seus alunos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho tratou sobre “Dificuldade de Aprendizagem da Leitura e Escrita: desafios e possibilidades em comunidade São Pedro-Santa Maria do Pará”. Com tal proposição, entende-se que o tema instiga inúmeras possibilidades de uso, para qualquer época, contexto, classe social; sendo, portanto, fundamental para todos que se identificam com esse contexto de leitura e escrita. O estudo objetiva analisar os principais fatores que dificultam a leitura e a escrita de alunos do Ensino Fundamental.

Pode-se dizer que se atingiu aos objetivos propostos, pois os pontos de vista foram superados com o posicionamento dos autores das pesquisas estudadas que comprovaram o assunto, e as informações obtidas nas entrevistas. Pode-se afirmar que, para desenvolver a leitura e escrita na escola requer dos professores empenho e criatividade para auxiliar a aprendizagem dos alunos. E ao utilizar diferentes estratégias e materiais como apoio didático nas diversas áreas, a aula altera o estado de monotonia para um momento prazeroso, dinâmico, alegre. Assim, é importante destacar que, sem um bom direcionamento sobre a alfabetização e letramento das crianças, haverá benefício pedagógico bastante restrito, pois com somente uma diretriz de cobrança, os alunos não descobrirão o prazer para ler e sem motivação para tal tarefa, sem o desejo de aprender das crianças, o trabalho do professor é muito mais complexo e desafiador.

Considera-se que, com um trabalho dessa natureza contribui para o professor perceber que é possível aproximar não só professor e aluno, mas também, o aluno do conhecimento, de forma lúdica, interessante, e menos conflitante do que as formas tradicionais e que quando se escolhe as diferentes dinâmicas para trabalhar com as crianças as dificuldades apresentadas por elas com relação a Leitura e Escrita, pois instiga nos alunos à criatividade e desperta a imaginação. Além disso, contribui para a pesquisadora rever-se em sua prática docente na medida em que, amplia sua leitura teórica sobre o objeto, e analisa o trabalho pedagógico de sua colega, reflete sobre a própria prática docente. Tarefa pela qual o PARFOR não pode se furtar. É impar dizer que, para que se desenvolva um bom trabalho acadêmico, o pesquisador deve saber desenvolver o seu papel, devendo munir-se de conhecimentos, preparando-se não apenas para produzir, mas também para divulgar e avaliá-lo para poder melhorar o ensino em qualquer tempo, e ainda contribuir no papel de avaliar e investigar a sua prática docente.

No percurso da pesquisa foi possível identificar que as principais dificuldades de leitura e escrita são apresentadas pelos alunos do segundo ano do Ensino Fundamental na

escola em questão são as de manter a concentração e atenção no contexto da turma multisserie onde as faixas de idade são grandes, tanto quanto os conteúdos a serem trabalhados, o que ocasiona desestímulo e desmotivação.

Tais dificuldades se mantêm em decorrência da fragmentação entre atividades mais lúdicas e trabalho escolar dentro da sala de aula, e de nem sempre as atividades considerarem seu contexto sociocultural, havendo cobranças inclusive da família para o acompanhamento das atividades extraclasse quando a maioria dos familiares são trabalhadores rurais analfabetos. Além disso, não constatamos uma formação continuada que considere as especificidades da turma multiano, bem como o poder público não oferece condições de trabalho favoráveis a essa realidade do campo.

Por fim, percebeu-se o esforço da professora em desenvolver suas práticas pedagógicas pode colaborar para a aprendizagem da leitura e escrita dessas crianças, porém não atende às suas necessidades e as das crianças. É sabido por nós que muitos professores não conseguem trabalhar a leitura e a escrita de forma contextualizada, pois foram formados com uma concepção de ensino onde o tradicional foi muito presente, e ao mudar o contexto para trabalhar o novo, o medo impunha um desafio, e o professor que não busca formar-se e informar-se fica a repetir a mesmice sem implementar metodologias que possa alterar o contexto, e dinamizar o ensino, ainda que lhe seja exigido estudo, formações para seu conhecimento.

Em face disso, acredita-se que o professor precisa se desafiar e mudar sua forma de ver e atuar no ensino em sala, pois hoje na contemporaneidade os alunos convivem com o conhecimento em tempo real em suas mãos, e não aceita mais aquela aula enfadonha, monótona que em pouco lhe acrescenta conhecimento.

Estes são os desafios que o trabalho propõe à escola pesquisada e a pesquisadora. Desafio de reavaliar-se, de desconfiar do que parece certo e conhecido. Reinventar-se. Além disso, a pesquisa desafia a pesquisadora a aprofundar os estudos nas especificidades da Educação do Campo e os processos de alfabetização e letramento, tarefa para uma próxima etapa de estudos.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: **introdução aos parâmetros curriculares nacionais**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC. 1997.

FERNANDES, C. **Currículo e prática pedagógica da educação superior**. In: MOROSINI, M. (Ed.). Enciclopédia de pedagogia universitária: Glossário. Brasília, v. 2, 2006.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. Cortez. 15ª Ed. SP, 2004.

KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

_____. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da linguagem**. 5. ed. Campinas-SP: Pontes. 1997.

_____. Ângela. **Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação** In: ROJO, Roxane. *Alfabetização e letramento*. Campinas: Mercado das letras, 1998.

_____. **Oficina de Leitura**. 8ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

_____. **Preciso “ensinar” o letramento?**. MEC/Cefiel/IEL/UNICAMP, 2005.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. SP: Ática. 1999.

LUDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 2006.

MINAYO, M.C. de S. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

REVISTA Eletrônica de Pedagogia. Disponível em: <http://www.facitec.br/revista/pedagogia>. Acesso em: 11 de Março de 2018.

SOARES, Magda Becker. **Linguagem e escola: Uma perspectiva social**. 13. Ed. São Paulo: Ática, 2005.

SOARES. **As condições sociais de leitura**: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (Orgs). *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 2005.

_____. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. *Revista Brasileira de educação*, nº25, jan/abr, 2004. Disponível em:<[www.amped.org.br/rbe.ampedn25.art01.pdf](http://www.amped.org.br/rbe/ampedn25.art01.pdf)>. Acesso em: 02 Fevereiro de 2018.

_____. **Alfabetização e Letramento**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Alfabetização e letramento na educação infantil**. *Revista Pátio Educação Infantil – Ano VII – Nº 20 – Oralidade, alfabetização e letramento Jul/Out, 2009.*

_____. **Letramento**: um tema em três gêneros. 4ª Ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

TEBEROSKY, Ana. **Psicopedagogia da Linguagem Escrita**. 4. ed. Tradução por Beatriz Cardozo. São Paulo: Trajetória Cultural; Campinas: Edit. da UNICAMP, 1991.

TEBEROSKY, Ana & FERREIRO, Emília. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: ArtMed, 2008.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. (7ª ed.). São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ANEXOS

ROTEIRO PARA A ENTREVISTA – PROFESSORA

Dados de identificação

Escola:

Nome:

Idade: _____ Sexo:

Formação:

Tempo de atuação no ensino fundamental:

Anos que leciona: _____ Turno: _____ N° de alunos: _____

1- Quais as dificuldades dos alunos e professores do 2º ano do Ensino Fundamental no processo de ensino e de aprendizagem da leitura e a escrita?

2- Quais os procedimentos que o professor tem utilizado para estimular o interesse pela leitura e escrita?

3- Os processos de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita são desenvolvidos de forma contextualizada proporcionando sentido e significado para a vida dos alunos?

4- Que fatores contribuem para as dificuldades de apropriação da leitura e escrita dos alunos da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Antônio Henrique de Oliveira?

5- Você é leitora, qual a sua relação com essa prática?

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Aspectos observados do(a) aluno(a):

ASPECTOS OBSERVAÇÃO	ALUNO:
01 – Como é a linguagem oral do aluno	
02 – Faz leitura de mundo?	
03 – Interpreta o que lê? Porque?	
04 – Quais as dificuldades para ler e escrever?	
05 – Como é comportamento do aluno em sala de aula?	
06 – Ao escrever compreende depois para fazer a leitura?	
07 – Como é sua caligrafia?	
08 – Faz a leitura independente das palavras?	
09 – Tem acompanhamento da família em sua casa para realizar as tarefas escolares?	



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PRO-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA
CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Documento a ser utilizado em entrevista e uso de imagem assinado em duas vias: uma de posse do pesquisador e outra do entrevistado.

Eu, Maria Glória Xavier Holanda,
RG 6166868 estou ciente de estar participando de uma
pesquisa sobre dificuldade de aprendizagem da leitura e escrita
vinculada ao PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA,
pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Minha contribuição se dará através da
concessão de relatos orais a ser gravado pelo pesquisador, e o direito de uso de minha
imagem através de captura fotográfica a ser usada para a finalidade da pesquisa,
garantindo que não será utilizada para o detrimento de minha pessoa ou da imagem da
comunidade.

Minha participação não envolve custos, como também nenhuma
compensação financeira ou outro tipo pela mesma. A pesquisa não envolve riscos ou
danos à saúde.

Reservo-me ao direito de não responder algumas das perguntas ou de, a
qualquer momento, interromper a entrevista ou a captura da imagem caso seja
necessário. A assinatura desse consentimento não inviabiliza nenhum dos meus
direitos legais.

Após ter lido e discutido com o pesquisador os termos contidos nesse
consentimento livre e esclarecido, concordo em participar como colaboradora,
contribuindo com o prosseguimento da pesquisa da pesquisadora
Leida Maria da Silva Santos (RG 2179670).

Data: 06 Junho 2018
Maria Glória Xavier Holanda
Assinatura do colaborador (NOME)

Pesquisadora Leida Maria da Silva Santos